



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

ISAÍAS FRANCISCO DE CARVALHO

OMEROS E VIVA O POVO BRASILEIRO:
OUTRIZAÇÃO PRODUTIVA E IDENTIDADES DIASPÓRICAS
NO CARIBE ESTENDIDO

Salvador
2012

ISAÍAS FRANCISCO DE CARVALHO

OMEROS E VIVA O POVO BRASILEIRO:
OUTRIZAÇÃO PRODUTIVA E IDENTIDADES DIASPÓRICAS
NO CARIBE ESTENDIDO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Letras e Linguística do Instituto de Letras da
Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial
para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Décio Torres Cruz
Co-orientadora: Profa. Dra. Sílvia Maria Guerra
Anastácio

Salvador
2012

Biblioteca Central da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC

C331

Carvalho, Isaías Francisco de.

Omeros e Viva o povo brasileiro: outrização produtiva e identidades diaspóricas no Caribe Estendido / Isaías Francisco de Carvalho . – Salvador : UFBA, 2012.

179f. : il.

Orientador : Décio Torres Cruz.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística do Instituto de Letras.

Referências: f. 170-179.

1. Walcott, Derek, 1930 – Crítica e interpretação. 2. Ribeiro, João Ubaldo, 1940 – Crítica e interpretação. 3. Outrização produtiva. 4. Ironia na literatura. I. Título.

CDD 869.3

Ao acaso, esse pequeno deus laico.

AGRADECIMENTOS

Neste pouco território-página, uma lista para sempre incompleta:

A Décio Torres Cruz, pela ciência, paciência e companheirismo.

A Sílvia Maria G. Anastácio, pela presença em um ciclo acadêmico produtivo.

A Inara Rodrigues, pelo genuíno olhar de interesse acadêmico.

A Sandro Ornellas e a Iraci Rocha, pela qualificada orientação.

A Aleilton Fonseca e a Elizabeth Ramos, pela defesa da excelência.

A Cláudia Mônica, pela parceria orientadora.

A Ciro Antônio e Pedro Arão, pela vitalidade e generosa aceitação da ausência.

A Maria, mãe, por seu amor às letras, ainda que parcas.

A Antônio, pai, pela epicidade do envelhecer.

A Otávio Filho, pelas (re)visões intelectuais e lúdicas.

A Josely da Silva, pelo suporte e pelo acolhimento.

A Mércia Santos, pelo cuidado, abrigo e proximidade.

A Rita Aragão Matos e Valter Soares, pelo abrigo afetivo e acadêmico.

A meus professores, pela participação no jogo intelectual.

Aos teóricos e literatos, por seus legados e pela escrita do demasiado humano.

Aos alunos de letras e línguas, pelo que me ensinam.

À República Federativa do Brasil, pela biblioteca rural e pela educação pública.

A outros. Quem são?

O segredo da Verdade é o seguinte: não existem fatos, só existem histórias.

João Ubaldo Ribeiro, Viva o povo brasileiro

O segredo da Busca é que não se acha.

Fernando Pessoa, Primeiro Fausto

Nessa longa conversa com os mortos-vivos, que chamamos de leitura, nosso papel não é passivo. Quando é mais que devaneio de um apetite indiferente nascido do tédio, a leitura é uma forma de atuação.

George Steiner, Linguagem e silêncio

CARVALHO, Isaias Francisco de. Omeros e Viva o povo brasileiro: outrização produtiva e identidades diaspóricas no Caribe Estendido. 170 f. 2012. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

RESUMO

Proponho a reflexão sobre literatura, cultura e, especialmente, o Outro. O Outro da política da representação e da representação política e cultural na produção literária, em companhia do Outro linguístico, abordado sob a denominação de —chulicell ou —cânone grosseiroll. Trata-se de um estudo de viés duplo, portanto. Nos textos literários que constituem o corpus deste trabalho – Omeros, do poeta caribenho Derek Walcott (1994), e Viva o povo brasileiro, de João Ubaldo Ribeiro (1984) -, ausculto essa linguagem —baixall no mesmo patamar do Outro social, étnico, sexual e mais: estão ali e aí, em toda parte, mas o discurso hegemônico de que participo (e do qual também participa o leitor implícito-explícito desta tese-ensaio) os torna recalçados e invisibilizados no imaginário dominante. Essa escrutação ou perscrutação do Outro cultural e linguístico se faz com o fio condutor da —outrização produtivall, conceito-atitude que tem seu primeiro significante advindo do inglês othering, que foi modulado inicialmente por Gayatri Spivak (1985). —Outrizaçãoll, como neologismo e significante único, implica um procedimento intersociocultural que se constitui de práticas discursivas de enaltecimento de uma identidade positivada de certo grupo e a estigmatização e o rebaixamento, com violência, de outro. Por seu turno, —outrização produtivall funciona como contraponto a essa atitude reificante, já que propõe uma abordagem ressignificada da memória recalçada nas relações de trocas simbólicas do colonialismo e dos neocolonialismos de hoje entre culturas de diversos territórios geográficos e imaginados, como é o caso do Caribe Estendido (WALLERSTEIN, 1974), que compreende a costa sul dos Estados Unidos até o Recôncavo Baiano. A proximidade do conceito de outrização produtiva com outras teorizações do campo dos estudos da cultura, a exemplo de mestiçagem, é conveniente para se analisar a mistura cultural, em sentido lato, e linguística, em sentido estrito, nas obras sob análise. Conceitos de outros pensadores fora desse campo também são acionados, a exemplo de Roland Barthes, com sua noção de —Textoll (1998), Northrop Frye, com seu —modo ficcional irônicoll e Linda Hutcheon, com —metaficção historiográficall (1988), entre outros. Trata-se, portanto, de uma discussão que aborda questões de subalternidade, língua, gênero e possibilidade de fala, como uma forma de unir os dois vieses da tese: o político-cultural e o linguístico, ambos tomados para análise numa postura de outrização produtiva, no desrecalque de vozes historicamente silenciadas.

Palavras-chave: Derek Walcott. João Ubaldo Ribeiro. Estudos culturais pós-coloniais. Chulice. Ironia.

CARVALHO, Isaias Francisco de. *Omeros and Viva o povo brasileiro: productive othering and diasporic identities in the Extended Caribbean*. 170 f. 2012. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

ABSTRACT

This dissertation-essay aims to reflect on literature, culture, and especially the Other. The Other of political and cultural representation in literary production, together with the Other of language – swear words, bad words, bad manners etc, or the —rude canon". Therefore, this is a two-fold study. In the literary texts that constitute the corpus of this work - *Omeros*, by Caribbean poet Derek Walcott (1998), and *Viva o povo brasileiro*, by Brazilian novelist João Ubaldo Ribeiro (1984) -, I scrutinize the so-called —lowll language at the same level as the social, ethnic, sexual and cultural others: they are there and everywhere, but the hegemonic discourse in which I participate (and in which the implicit-explicit reader of this work also lives) makes them invisible and repressed in the dominant imaginary. This analysis of the linguistic and cultural Other becomes the leitmotif of "productive othering", a concept-attitude that has its first significant from the English language, and was initially modulated by Gayatri Spivak (1985). While the single signifying "othering" implies an inter-socio-cultural relationship which consists of discursive practices of exalting a positively valued identity of a self and the stigmatization and reduction of certain groups, under violence, the compound term "productive othering" functions as a counterpoint to this reifying attitude, since it proposes a new meaning for the repressed memory in relations of symbolic exchanges among cultures of various geographic and imagined territories nowadays, as is the case of the Extended Caribbean (WALLERSTEIN, 1974), which spans from the south coast of the United States up to the —Recôncavo Baiano (Bahia, Brazil). The proximity of the concept of productive othering with other concepts in the field of cultural studies, such as miscigenation, is appropriate to examine the cultural mix, in its broader sense, and language, in its strict sense, in the works under review. Concepts of other thinkers outside this field are also borrowed, such as Roland Barthes, with his notion of "Text" (1998), Northrop Frye (1973), with his "ironic mode of fiction", and Linda Hutcheon, with "historiographic metafiction" (1988), among others. It is, therefore, a discussion that tackles issues of subalternity, gender, language, and the possibility of speech, as a way to unite the two angles of the dissertation: the political and the linguistic, in an attitude of productive othering.

Keywords: Derek Walcott. João Ubaldo Ribeiro. Productive othering. Post-Colonial Cultural Studies. Irony.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa	1	O Caribe Estendido	58
Mapa	2	O Caribe Político-Geográfico ou Índias Ocidentais	59
Fotografia 1		Derek Walcott	75
Fotografia 2		João Ubaldo Ribeiro	76
Fotografia 3		A fonte, de Marcel Duchamp (1917)	
105			

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Laureados pelo Prêmio Nobel de Literatura por Região (1901-2011)	93
Tabela 2	Laureados pelo Prêmio Nobel de Literatura por ano e nome (1901-2011)	94
Tabela 3	Laureados pelo Prêmio Nobel de Literatura por país e ano	95

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	OUTRIZAÇÃO PRODUTIVA: CONSIGNAÇÕES	29
3	ENCONTROS CULTURAIS NO CARIBE ESTENDIDO	54
3.1	CARTOGRAFIAS IMAGINADAS: O CARIBE ESTENDIDO E O ATLÂNTICO NEGRO	54
3.2	OMEROS E VIVA O POVO BRASILEIRO: EPOS-ROMANCES EM VERSO E PROSA	61
3.3	LOCOS DE ENUNCIÇÃO: DEREK WALCOTT E JOÃO UBALDO RIBEIRO	72
3.3.1	Intelectuais diaspóricos	74
3.3.2	Insularidades	84
4	O CÂNONE GROSSEIRO: OUTRIZAÇÃO PRODUTIVA, LITERATURA E CHULICE	89
4.1	UMA DIGRESSÃO ACERCA DO CÂNONE AURÁTICO	92
4.2	ESTILÍSTICA DA IRONIA	02
4.3	O CHULO NA POÉTICA PÓS-COLONIAL	12
5	OUTRIZAÇÃO PRODUTIVA E OS OUTROS	33
5.1	VEVÉ E HELEN: SUBALTERNIDADES	134
5.1.1	Vevé: subalternidade e a “alminha brasileira”	138
5.1.2	Helen: sensualidade e resistência	148
5.2	OUTRAS PROVOCAÇÕES	153
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	160
	REFERÊNCIAS	170

1 INTRODUÇÃO

Como Arlequim, o sujeito cultural contemporâneo constrói-se através dos contatos, diálogos e conflitos que estabelece com a sua tradição e com as outras culturas.

Eliana Reis

Pós-colonialismo, identidade e mestiçagem cultural

O poeta que persiste, na contemporaneidade, no trabalho com o que se tem chamado de arte poética nos últimos séculos retira da fuligem da linguagem cotidiana sua matéria-prima (CARVALHO, 2010b). Enverga e força a linguagem comum a se mostrar inusitada. É desse lugar de forjador do metal linguístico e de —sujeito cultural contemporâneo (REIS, 1999, p. 35) que me posiciono nesta tese-ensaio para refletir sobre literatura, cultura e, especialmente, o Outro em seus encontros. Se esse sujeito contemporâneo se expressa nas fronteiras e interstícios culturais e nacionais, teóricos e textuais, passados e presentes, bem como políticos e estéticos, posiciono-me diante do Outro da política da representação e da representação política e cultural na produção literária, em companhia do Outro linguístico, aqui abordado sob a denominação de —chulicell.

A naturalidade com que passamos pelos palavrões, xingamentos, expressões do chamado baixo calão e desvios linguísticos, na carnalidade mesma dos textos literários consagrados, me levou à hipótese de que há uma invisibilidade e uma mudez inconsciente que fazem com que os leitores em geral não atentem ou não destaquem o chulo presente no cânone literário (seja o tradicional, seja o que chamo de cânone pós-colonial, no capítulo 4), como se de fato invisível, inaudito e inaudível. Bem nos lembra Tiago Farias, na discussão do que ele denomina —cânone marginal, que, —Não raro, os autores postulados na égide da Criação Artística não se debruçam sobre temas tidos como periféricos, a saber, o humor, a pornografia, o erotismo [...] (FARIAS, 2008, on-line). A crítica

cultural contemporânea, em que estou inserido, se debruça exatamente sobre alguns desses refugos, desses marginais dentro do(s) cânone(s).¹

De fato, considero esse fenômeno da impregnação do chulo na literatura —canônica mais do que um lance de licença poética ou de mera transgressão: é uma marca da —era da ironia,² carregada de implicações simbólicas e teóricas, como demonstrarei a seguir. Portanto, faço um estudo de dupla face, por meio do corpus literário que privilegio — Omeros, do poeta e dramaturgo caribenho Derek Walcott (1994), e Viva o povo brasileiro, do romancista João Ubaldo Ribeiro (1984). Apresento e me deleito com essa linguagem —baixa no mesmo nível crítico-teórico do Outro social, étnico, sexual e mais. Esses outros nos circundam (ou circundamo-nos todos — eus e outros), mas estão geralmente em recalque e invisibilidade no pensar acadêmico e crítico sobre as produções estéticas que os contêm.

Ao perscrutar ou escutar o Outro cultural e linguístico, faço-o com a linha teórica da —outrização produtiva, conceito-atitude que inicialmente delimito em dissertação de mestrado (CARVALHO, 2003). Adiante, faço a apresentação do processo de construção e descrição desse marco teórico, bem como sua ampliação. Porém, de forma sucinta, anoto desde já que —outrização (othering, em inglês; SPIVAK, 1985) é um conjunto de práticas e atitudes intersocioculturais que compreende o enaltecimento de uma identidade positivada de certo grupo e a violenta estigmatização e rebaixamento de outro. Nessa perspectiva, o significante singular —outrização equivale ao que Tzvetan Todorov (2010) compreende, de modo renovado, como —barbária, o que também discuto adiante.

¹ Intencionalmente, mantenho a aparente contradição em abordar a moribunda noção de cânone em um trabalho que está localizado no âmbito da Crítica Cultural hoje. É com certa postura de brincadeira séria que revisito o cânone para lhe contextualizar na seara do pós-colonial, como espero que fique claro ao longo desta tese-ensaio. Em que pesem os perigos de se trabalhar com tal noção, faço-o de modo consciente, no desejo de que seja tido como uma —brincadeira irônica, em um jogo antitético com a noção de fixidez, própria do cânone tradicional, em paralelo ao pluralismo das manifestações culturais, aqui enfatizadas na discussão da chulice e do cânone grosseiro (capítulo 4) e na possibilidade de vários cânones paralelos. Nesse sentido, faço outrização produtiva (ver capítulo 2) conceitual: não excluo o conceito de cânone, mas procuro resignificá-lo em nome de produtividades teóricas condizentes com nosso tempo.

² Ver seção 4.2.

Por outro lado (o lado da possível conversação entre grupos sócio-culturais), —outrização produtiva, como significado composto por dois significantes, tem a função de estabelecer uma contraposição a essa atitude —bárbara e reificante, pois oferece a proposta de uma abordagem ressignificada da memória recalcada nas relações de trocas simbólicas do colonialismo e dos neocolonialismos de hoje entre culturas de diversos territórios geográficos e imaginados. A contiguidade do conceito de outrização produtiva com outras conceituações do campo da crítica cultural, tais como a mestiçagem e a criouliização, se faz pertinente para a análise da mistura étnico-sócio-culturais e das expressões culturais, em sentido amplo, e linguísticas, em sentido estrito, em Omeros e em Viva o povo brasileiro.

Acima, de modo sucinto, delinee o que poderia caracterizar como a —tese presente neste ensaio. A esse respeito, antes de prosseguir com os elementos protocolares de uma introdução, justifico o motivo pelo qual chamo este exercício intelectual de tese-ensaio: segundo Theodor Adorno (1986), o ensaio tem um caráter híbrido e não presta obediência cega a uma tradição formal, o que condiz com o ambiente da crítica cultural que empreendo com os objetos-sujeitos³ literários e as teorias aqui abordadas. Trata-se da inclusão de uma dose de impureza, indisciplina e incerteza no estatuto de cientificidade possível nas humanidades e nas letras.

Na verdade, —o ensaio não quer captar o eterno nem destilá-lo do transitório; prefere perenizar o transitório. [...] Naquilo que é enfaticamente ensaio, o pensamento se libera da ideia tradicional de verdade. (ADORNO, 1986, p. 175), o que caracteriza a postura que assumi neste exercício acadêmico-ensaístico. Do mesmo modo, também por intermédio de Adorno, que corrobora

³ Utilizo a estratégia da hifenização de termos em vários casos. Quanto a —objetos-sujeitos, para designar os autores e textos que compõem o corpus desta tese-ensaio (outra hifenização recorrente que explico adiante), a justificativa está no fato de que pretendo imprimir a noção de que se trata de objetos que agenciam subjetividades, não se configurando simples —objetos que, de modo passivo, recebem o impulso analítico de um estudioso. São agentes e pacientes, simultaneamente.

Lukács (1911),⁴ aponto que o caráter de hibridação do ensaio é reforçado pela seguinte nota:

A forma do ensaio até hoje ainda não percorreu o caminho da autonomização que a sua irmã, a poesia, há muito já deixou para trás: desenvolver-se a partir de uma primitiva unidade com a ciência, a moral e a arte. (ADORNO, 1986, p. 167).

Dessa consideração genealógica, destaco a irmandade do ensaio com a poesia, o que complementa o caráter híbrido que desejei imprimir neste trabalho: objetos poético-literários em diálogo com teorias acadêmicas num texto escrito pelo poeta-acadêmico que sou, estendido e tensionado entre as exigências científico-metodológicas próprias da academia e o trabalho com a poeticidade dos significantes da língua. A escolha por utilizar a designação —tese-ensaio— também indica adicionar ao gênero tese, até certa medida, outra das prerrogativas do ensaio, que

[...] não deixa que lhe prescrevam o âmbito de sua competência. [...] Seus conceitos não se constroem a partir de algo primeiro nem se fecham em algo último. As suas interpretações não são algo filologicamente rígido e fundado [...]. São, em princípio, sobreinterpretações. (ADORNO, 1986, p. 168; grifo meu).

Sobreinterpretações e hibridações, portanto. Interpretações que interpretam interpretações. Intertextualidade que se refere a intertextos. Nessa mesma linha da mescla de gêneros e abordagens, Massaud Moisés informa que —[...] o ensaio se situa paredes-meias com outras expressões igualmente híbridas, como a autobiografia, o jornalismo, o diário íntimo, a crítica literária, etc. (MOISÉS, 2003, p. 74) e que esse tipo de texto se situa num pêndulo intelectual entre o centrar-se na sondagem do —eull, ao modo de Michel de Montaigne (2000), e o debruçar-se sobre outras áreas e temáticas. Essa oscilação entre o —eull como objeto-sujeito e os outros – objetos literários e teorias –, expressa nesta tese-

⁴ Adorno se refere à obra *Die Seele un die Formen*, que Georg Lukács escreveu em 1911, mas que ainda não tem tradução para o português. Em uma possível tradução, o título poderia ficar: —A alma e a formall.

ensaio na apresentação de meu lugar de fala, também se ajusta à seguinte consideração sobre o crítico-ensaísta:

Precavido porque sincero, o ensaísta move-se sob o signo da pessoalidade. O único foco narrativo é o da primeira pessoa, o ‘eu’ é a única voz da enunciação, numa subjetividade que se desdobra em dois níveis: o do ‘eu’ que se autoanalisa, forçando por conhecer-se, e o do ‘eu’ que se debruça em problemas vários tendo em vista conhecê-los a fim de conhecer-se. (MOISÉS, 2003, p. 85).

Sob o signo da pessoalidade, nessa relação de autoanálise e crítica acadêmica, utilizo a primeira pessoa do singular como expressão do posicionamento mais bem-vindo nos Estudos Culturais, em geral, e nos Estudos Culturais Pós-Coloniais (ambos caracterizados adiante), campos nos quais esta tese-ensaio se situa e nos quais a rasura de fronteiras entre disciplinas é uma atitude necessária. Preliminarmente, a propósito do campo dos Estudos Culturais como um todo, uma das premissas fundantes é destacar o lugar de fala dos agentes discursivos e produtores culturais e sociais em geral.

Desse modo, de meu lugar de poeta —praticantell, além de estudioso/estudante e professor de Língua Inglesa e de Literaturas Anglófonas,⁵ transito pelas margens das línguas e dos ditames acadêmicos. Tal interface explicita-se, por exemplo, em minha escolha da temática da chulice – como o outro da linguagem –, que se faz cada vez mais presente na literatura que se consagra do Renascimento até a contemporaneidade (tema abordado mais detidamente no capítulo 4).

⁵ No que diz respeito ao termo —Literaturas Anglófonasll, tenho utilizado, em minhas aulas de literatura, um esclarecimento que considero relevante informar nesta tese-ensaio, pois oferece ecos sobre o posicionamento de Derek Walcott como escritor pós-colonial anglófono: —[...] apesar do fato de que ‘Literatura Anglófona’ seja amplamente conhecida na academia como as literaturas em língua inglesa produzidas por escritores de nações que são ex-colônias da Inglaterra, excluindo os Estados Unidos (ou seja, como as literaturas do Outro anglófono), no curso proposto pelo professor Isaias Carvalho, nesta página, ‘Literatura Anglófona’ refere-se a todas as literaturas escritas em língua inglesa por escritores em que esse idioma seja sua língua materna, oficial ou nacional. Essa postura ampla é para manter o sentido mais original e mais poético de ‘anglofonia’. De fato, no contexto proposto para este curso, imagina-se o Outro lusófono como aquele que trabalha com a literatura do Outro anglófono. Esse parece, portanto, um escopo bem mais abrangente. (CARVALHO, 2009a, on-line).

Nesse contexto de hibridação de gêneros, mas com a tentativa de obediência aos critérios de coerência e coesão exigidos pela academia, reitero que também faço o liame com o trabalho da dissertação de mestrado retomando, problematizando e consolidando o conceito de outrização produtiva em relação a Derek Walcott (*Omeros*), incluindo e apresentando João Ubaldo Ribeiro (*Viva o povo brasileiro*), além de expandir a aplicação desse conceito à temática da chularia na literatura canônica pós-colonial. Isso implica um trabalho em duas perspectivas, como já indiquei. A primeira está situada no campo estritamente literário de produção poética, mas com uma análise pela perspectiva dos Estudos Culturais, na esfera do pensamento pós-colonial: como a linguagem dita chula entrou com força significativa nos textos canonizados na era em que a literatura é dominada pela ironia, segundo Frye (1973), em que a contemporaneidade se insere (capítulo 4). A segunda perspectiva é sobre questões de identidades diaspóricas e lugares de fala de sujeitos-autores de obras em que essa linguagem chula será explicitada, especificamente: Derek Walcott e João Ubaldo Ribeiro, aqui tomados como exemplares de outrização produtiva cultural, epistemológica e linguística.

Afinal, há que se afirmar que, direta ou eufemisticamente, *Omeros* e *Viva o povo brasileiro* são também, e talvez até mais, como corpus de análise, objetos culturais que devem ser lidos como —pretextos|| para uma abordagem que não se quer essencialmente no campo do estritamente literário, mas no campo da cultura como um todo. Ou ainda: não abordo essas obras como uma —[...] manifestação exclusiva das belles lettres, mas como fenômeno multicultural [...]. A arte [abandona] o palco privilegiado do livro para se dar no cotidiano da vida.|| (SANTIAGO, 1998, p. 13). Esse movimento, como consequência, retira o estético do centro privilegiado das atenções críticas, fazendo com que conviva, sem uma harmonia imanente, com o ético, o científico e o político, ou, como sugere Eneida Leal Cunha (2002), ao apresentar a reedição de *Nas malhas da letra*, de Silvano Santiago (2002), trata-se de um momento em que se dá —o descentramento do valor estético – mas não [a] sua exclusão. O estético permanece como o desafio

primordial a quem escreve, embora com feição nova – já não pode prescindir da problematização ética e política, constante, quase obsessiva. (CUNHA, 2002).⁶

Nessa perspectiva, o literário, ainda que central, passa a ser dotado de uma opacidade constitutiva, já que é um objeto inserido no todo do tecido cultural a que pertence. Nessa constituição dupla – estético-linguística e política – os casos de *Omeros* e de *Viva o povo brasileiro* são exemplares, pois de autores unidos por grandes prêmios internacionais – o Prêmio Nobel, por exemplo, no caso de Derek Walcott, em 1992, e o Prêmio Camões, no caso de João Ubaldo Ribeiro, em 2008 –,⁷ os quais também apontam para sua importância política no sentido de visibilizar e inserir a poética do Caribe Estendido⁸ nos circuitos da cultura ainda precariamente chamados centrais.

Igualmente, além dessa guinada em direção ao político, a maioria dos trabalhos literários ditos pós-coloniais, bem como os chamados pós-modernos, oferece em sua textura um maior volume de ideias que bem se aplicam a discussões teóricas, o que se coaduna com a proposição de —metaficção historiográfica, de Linda Hutcheon (1988), a ser discutida no capítulo 4. Desse modo, a hibridação múltipla que se dá no campo das formações sociais e dos encontros culturais tem seu paralelo no aspecto híbrido das literaturas pós-coloniais e pós-modernas, que mesclam tanto os gêneros literários quanto os acadêmicos em direção a uma construção mais abrangente e menos segmentada da arte e do conhecimento, estes como integrantes da tecitura cultural dos povos que visam a participar do diálogo que se dá na cena global que se oferece na contemporaneidade. Talvez por essa razão Hélio Pólvora (2002) constate que há um gênero literário inovador, um híbrido do fazer ensaístico e da crítica literária. Mais uma vez, assim, me reconheço como escrevente de uma tese-ensaio.

⁶ CUNHA, Eneida Leal. Apresentação da reedição de: SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra: ensaios*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. [trecho transcrito das orelhas do livro]

⁷ Entre vários outros prêmios, a obra *Viva o povo brasileiro* recebeu o Jabuti, na categoria romance, no mesmo ano em que foi lançado – 1984.

⁸ —Caribe Estendido é uma das cartografias imaginadas em que se —localizam *Omeros* e *Viva o povo brasileiro*. Compreende a linha da costa sul dos Estados Unidos, incluindo o Caribe geopolítico, até o Recôncavo baiano. Esse território será mais bem delineado no capítulo 3.

Uma tese-ensaio, pois, que encontra sua justificativa por se inserir conveniente e conscientemente em um momento – que espero não seja passageiro – em que se dá a tentativa de desrecalque de vozes e faces interditas no discurso historiográfico tradicional, o qual impôs o branco europeu como padrão de normalidade e universalidade. Sendo a pesquisa uma produção intelectual/acadêmica, outro argumento ganha relevo: a tarefa de trabalhar com outrização, conceito redefinido em termos do epíteto —produtivall, no contexto da representação de identidades diaspóricas, subalternidade, negritude e chulice em expressões literárias no âmbito do Caribe Estendido, o que se configura como continuidade dos estudos feitos em meu curso de Mestrado (3003), no PPGLL do Instituto de Letras da UFBA, sobre literatura anglófona pós-colonial e representação da negritude caribenha.

Dos objetivos a que me propus nesta tese-ensaio, destaco os seguintes: identificar, descrever e analisar comparativamente as obras de Derek Walcott, principalmente Omeros, e de João Ubaldo Ribeiro, especialmente Viva o povo brasileiro, no que trazem de expressões literárias que lidam com a representação da herança africana e suas identidades diaspóricas de reescritura e ressignificação, incluindo a chularia, e no que se configuram exemplares de outrização produtiva nos encontros culturais contemporâneos; identificar e dialogar com diversas vozes que atuam, de modo convergente ou divergente, na —apresentaçãoll ou mediação desses autores e de um imaginário afro-baiano-caribenho às comunidades local, nacional e internacional; contribuir para uma maior visibilidade poética caribenha de Derek Walcott no cenário acadêmico brasileiro, bem como das produções e signos da herança afro-baiana-caribenha, estimulando a discussão em torno da necessária reescritura dos discursos outrizantes construídos sobre os descendentes de uma das maiores vergonhas da história ocidental nos últimos cinco séculos: a diáspora e a escravidão de povos de origem africana.

Em termos de digesto ou apresentação resumida e esquemática das partes que compõem este trabalho, no capítulo 2 – —Outrização produtiva: consignaçoẽsll –, apresento a fundamentação teórica, aprofundando e consolidando a definição e a delimitação do argumento teórico central deste trabalho científico-ensaístico: o

conceito-atitude de outrização produtiva, que, ao fim e ao cabo, entendo como a contribuição mais original desta pesquisa, no sentido de construção subjetiva, para o domínio acadêmico. Outrização produtiva é, simultaneamente e não apenas, um dispositivo teórico e um operador metodológico de consignação (no sentido que lhe confere Derrida [2001], como veremos adiante) de alguns conceitos do campo dos Estudos Culturais e do âmbito da crítica pós-Colonial, que são descritos para lhe dar mais forma e consistência. São conceitos que analiso na intenção de —aglutinarll (reunir em diferença, pôr em diálogo suas contradições e semelhanças) — e não sintetizar (tornar uno, homogêneo) — em —outrização produtivall.

Se este trabalho se inscreve no signo do —encontroll, esses conceitos e posturas se reúnem para um estudo de Omeros e de Viva o povo brasileiro como —objetos-sujeitosll culturais, e não apenas como objetos estéticos. Não se trata, pois, de elevar o conceito-atitude de outrização produtiva ao nível de uma ideia grandiosa ou de pensar as duas obras literárias em questão como grandes narrativas no estilo moderno. Elaboro a conceituação de outrização produtiva como forma de leitura e de proposição de encontros teóricos, culturais e estéticos, a partir das representações oferecidas por Derek Walcott e João Ubaldo Ribeiro.

Por esse viés, portanto, outrização produtiva também funciona como um dispositivo metodológico: uma forma de viabilizar esta análise de Omeros e de Viva o povo brasileiro no contexto teórico do pós-colonial, no escopo mais abrangente dos Estudos Culturais, campo que será mais bem delimitado também no capítulo 2. Considero relevante, por ora, destacar que o termo —Estudos Culturaisll pode também comparecer neste trabalho como —estudos de culturall e —Crítica Culturalll, este último termo sendo muitas vezes mais utilizado no cenário intelectual brasileiro, como por Silvano Santiago (1998). Evito o termo —multiculturalismoll devido à polêmica em torno de seu significado, como sintetiza um de seus maiores críticos:

[...] o obsessivo tema de nosso estéril confronto entre os dois PCs – o política e o patrioticamente correto – é canhestamente chamado de ‘multiculturalismo’. [...] Isso transformou o que devia ser um generoso reconhecimento de diversidade cultural num indigno programa simbólico, recheado de jargão lúmpen-radical. O resultado é a retórica do separatismo radical. (HUGHES, 1993, p. 75).

Evito o termo multiculturalismo, mas não o abomino. De qualquer sorte, os outros termos dão conta do impulso de reunião e diálogo que advogo por meio da concepção de outrização produtiva. Antecipo, ainda, mais uma consideração sobre a natureza dos Estudos Culturais, em consonância com o caráter ensaístico proposto acima. Fred Inglis reforça uma postura geral que desejo inscrita nesta tese-ensaio: a indisciplina fértil por vezes própria dos estudantes, não a sisudez doutrinária limitadora.

[...] a designação ‘estudos’, implicando [...] uma agremiação ecumênica de inquiridores, cada um amistosamente se utilizando dos métodos intelectuais dos campos adjacentes, recusa a velha busca por representações exatas da realidade e métodos unitários de as encontrar. ‘Estudos’ são provisórios, flexíveis, móveis; a província de alunos iguais ao invés de professores (ou pior, discípulos de disciplinas e disciplinadores). [...] ‘Estudos’ prezam a pluralidade de perspectivas, apreciam as variedades da experiência intelectual, reconhecem o lugar e a incerteza do próprio velho conhecimento. (INGLIS, 1993, p. 227; tradução minha).⁹

Todos somos aprendizes! Esse parece ser o paradigma não-paradigmático, ou melhor, não-dogmático, que norteia os Estudos Culturais, que se dispõem como um campo de aberturas e encontros ou, para a perspectiva que estabeleço, o lugar da outrização produtiva, das negociações que também se dão no nível

⁹ No texto fonte: —[...] the designation ‘studies’, implying [...] an ecumenical congeries of inquirers, each one friendly borrowing terms with the intellectual methods in the adjacent fields, refuses the old quest for accurate representations of reality and unitary methods of finding them. ‘Studies’ are provisional, flexible, mobile; the province of equal students rather than teachers (or worse, disciples of disciplines, and disciplinarians). [...] Studies] honour the plurality of perspectives, relish the varieties of intellectual experience, acknowledge the location and uncertainty of old knowledge itself. ||

epistemológico e cultural. A provisoriedade, a flexibilidade e a mobilidade de saberes são, assim, marcas do norte teórico que sigo neste trabalho.

Em tempo, como forma de uma localização mais explícita, para que não pareçam campos distintos – os Estudos Culturais e os estudos pós-coloniais –, proponho chamar, a partir de agora, de —Estudos Culturais Pós-Coloniaisll o ambiente em que esta tese-ensaio se insere, como sugerido por Georg Gugelberger (1997, on-line), que qualifica esse campo como uma grande intervenção no atualmente disseminado projeto revisionista que tem impactado a academia desde os anos 60, e como uma das últimas —tempestadesll no mundo dos pós- substituindo os —Livros de Prósperoll por uma visão um pouco mais —calibânicall.¹⁰ Em lugar da presunção de expertise, a postura de estudante.

Com efeito, o fato de denominar este trabalho de —tese-ensaio, como longamente justifiquei anteriormente, está em sintonia com esse ambiente de —aprendizagemll proposto para o conhecimento contemporâneo pelos Estudos Culturais Pós-Coloniais. Mais uma vez, é Adorno quem consolida a conexão entre o ambiente teórico norteador deste trabalho com teor ensaístico que tento imprimir:

O ensaio não compartilha a regra do jogo da ciência e da teoria organizadas, segundo as quais, como diz Spinoza, a ordem das coisas seria a mesma que a das ideias. [...] o ensaio não almeja uma construção fechada, dedutiva ou indutiva. Ele se revolta, em primeiro lugar, contra a doutrina, arraigada desde Platão, segundo a qual o mutável, o efêmero, não seria digno da filosofia; revolta-se contra essa antiga injustiça cometida contra o transitório, pela qual ele é mais uma vez condenado, no plano do conceito. [...] Por isso, o ensaio passa a rever e revidar o mesosprezo pelo

¹⁰ Referências à peça shakespeareana —A Tempestadell. Próspero e Caliban são seus principais personagens. Porém, —Os Livros de Prósperoll [Prospero"s books] é o título do filme de Peter Greenaway (1991). Impõe-se também mencionar que A tempestade tem sido a obra mais reescrita e (re)interpretada no âmbito pós-colonial, bem como a dicotomia Próspero/Caliban é uma das imagens literárias mais recorrentes em estudos nesse campo: —a relação entre Próspero e Caliban é considerada o paradigma das relações centro-margem ou a realidade pós-colonial. Enquanto a dominação da realidade, a linguagem, arrogância e a posse de território alheio executadas por Próspero são metáforas do domínio colonizador, a submissão forçada, o castigo, a rebeldia e o uso da linguagem para amaldiçoar pertencem ao colonizado Caliban.ll (BONNICI, 2000, p. 23-4). Entretanto, para seu uso no ambiente de outrização produtiva, essa relação binária simplista – centro-periferia – deverá ser revestida de uma visão mais complexa, menos —monomaniacall (DASH, 1989, p. xiii), como abordado nesta tese-ensaio.

historicamente produzido como objeto da teoria. (ADORNO, 1986, p. 174).

Efêmero, transitório, indisciplinado e aberto. Em relação ao saber estabelecido, são essas, portanto, as características mais marcantes do ensaio que, à guisa de justificativa, —desejo comungar com o corpo de conhecimento produzido na e pela Crítica Cultural do Caribe Estendido e de alhures.

Essas justificativas preliminares se dão pela importância que o lugar de fala tem para o campo dos estudos pós-coloniais, e para os estudos de cultura como um todo. Walter Dignolo assinala que —não é tanto a condição histórica pós-colonial que deve atrair nossa atenção, mas os loci de enunciação do pós-colonial. (MIGNOLO, 1996, p. 8; tradução minha).¹¹ Por conseguinte, de que lugar eu falo? Primeiramente, não posso dizer, como Fanon: —por que escrever este livro? Ninguém me pediu para fazê-lo. (FANON, 1967, p. 7; tradução minha).¹²

Este trabalho de tese naturalmente se insere em uma —lógica institucional do conhecimento universitário. Faz parte de uma engrenagem. Entretanto, posso certamente dizer, como Fanon, que não são trazidas —verdades eternas (FANON, 1967, p. 8). Não há o necessário mediador entre Omeros e Viva o povo brasileiro e seus virtuais leitores, nem com seus leitores implícitos. Afinal, —seria tão inútil negar quanto afirmar que o leitor tem acesso imediado ao texto. (EASTHOPE, 1991, p. 50; tradução minha; grifo meu).¹³ No caráter ensaístico-crítico da abordagem que assumo neste trabalho, pela compreensão de Massaud Moisés (2003), sou antidogmático e liberal, pois o ensaio

[...] recusa as soluções apriorísticas ou comandadas por doutrinas infalíveis, universais e rígidas; não se compadece com as postulações definitivas e perenes; o seu campo de ação é o livre pensamento, sujeito a contínuo reexame, a novos ensaios, não

¹¹ No texto fonte: —no es tanto la condición histórica postcolonial la que debe atraer nuestra atención, sino los loci de enunciación de lo postcolonial.

¹² Na tradução para o inglês: —Why write this book? No one has asked me for it.

¹³ No texto fonte: —it would be as foolish to deny as to affirm that the reader has unmediated access to the text.

em busca de uma verdade capaz de tornar-se dogma ou artigo de fé religiosa, científica ou filosófica [...] (MOISÉS, 2003, p. 91).

O que tenho, portanto, são as verdades precárias e provisórias que se comungam no presente e a metodologia flexível, mas não irresponsável, de uma Crítica Cultural aqui proposta. E não apenas por modismo, mas por ser esse campo, na contemporaneidade, uma postura necessária para se pensar a cultura e a sociedade contemporânea (a literatura tomada como um dos palcos em que essa interface se concretiza).

A propósito, Antoine Compagnon, em seu papel de advogado do diabo dos estudos literários, aponta uma visão tradicional do papel do crítico literário: —[...] o público espera dos profissionais da literatura que lhe digam quais são os bons livros e quais são os maus: que os julguem, separem o joio do trigo, fixem o cânone. (COMPAGNON, 1999, p. 226). Todavia, essa responsabilidade, que não deveria ser levada literalmente ou —literariamentell tão a sério, não é de um indivíduo, em virtude de ocorrer pelo trabalho de uma variedade de pessoas que respondem por instituições e movimentos na maioria das vezes bem pontuados e contextualizados.

Esta tese-ensaio, assim, poderia ser colocada nessa posição de outorga, visto que se insere no processo de —visibilizaçãoll dessa poética pós-colonial representada pelas obras sob análise e suas estratégias de agenciamento de identidades e ressignificação do conceito de gênero literário e da historiografia. Por certo, quase inexistem, no Brasil, estudos consistentes sobre o Caribe Estendido e, por extensão, outras culturas não-centrais. Décio Torres Cruz (2000) faz esse alerta, ao observar a concentração dos estudos acadêmicos brasileiros em literaturas anglófonas hegemônicas em detrimento da produção dita marginal em língua inglesa, o que ironicamente acusaria um descompasso com as próprias nações centrais (União Europeia e Estados Unidos, mais precisamente), uma vez que nessas

[...] há muito tempo o meio acadêmico questiona a idéia de um cânone literário imposto por um discurso colonialista que reflete o poder econômico e cultural de quem estabelece as regras do que é importante e deve ser considerado objeto de estudo. (CRUZ, 2000, p. 147).

Afinal, de Harold Bloom ao professor de literatura do Colégio Estadual do nosso bairro, todos têm o seu cânone, todos que se interessam por Letras estabelecem o valor das obras de arte e de literatura. Portanto, questionar e relativizar a noção de cânone e valor literários, dando maior visibilidade a essa escritura caribenha, com a aparentemente antitética postulação de um —cânone pós-coloniall, é parte da tarefa que propus nesta tese-ensaio.

Posso posicionar-me, ainda, na perspectiva de Silviano Santiago, como o —intérprete inseguroll de seu julgamento, ou que não tem um julgamento cabal, um intérprete que

é, em suma, o intermediário entre o texto e o leitor, fazendo ainda deste o seu próprio texto. Procura formalizar e discutir, para o curioso, os problemas apresentados pela obra, deixando com que esta se enriqueça de uma camada de significação suplementar e que aquele encontre trampolins menos intuitivos para o salto de leitura. (SANTIAGO, 2000, p. 7).

Não é o caso, portanto, de caracterizar Omeros e Viva o povo brasileiro como obras boas ou más, maiores ou menores. Decerto, o suplemento neste trabalho é este: uma camada de significação no processo de leitura dessas obras. Saliento ainda que esta análise não é uma atividade de representação do outro no sentido político de falar pelo outro. Derek Walcott e João Ubaldo Ribeiro não são subalternos que não possam falar de si mesmos e por si mesmos, como o subalterno – e principalmente a subalterna – de Gayatri Spivak (1994), tema a ser aprofundado no capítulo 5.

A apresentação, de modo mais detalhado, das duas obras e de seus autores centrais para esta tese-ensaio é feita no capítulo 3 – —Encontros culturais no Caribe Estendidoll. Defendo esses trabalhos literários walcottiano e ubaldiano como epos-romances (ver seção 3.2) e seus autores como intelectuais

diaspóricos e insulares (ver seção 3.3) do Caribe Estendido (cartografia imaginada a ser também aí explicitada). Nesse contexto, lanço uma pergunta: literatura e cultura ou da literatura à cultura? Esta tese-ensaio é um trabalho no âmbito literário, por seus sujeitos e objetos centrais, mas é também um trabalho no campo dos Estudos Culturais Pós-Coloniais, o que implica, ao modo de Silvano Santiago, certa tensão entre a crítica cultural e a crítica literária como conhecida até perto do fim do século XX no Brasil, quando —a arte brasileira deixa de ser literária e sociológica para ter uma dominante cultural e antropológica. (SANTIAGO, 1998, p. 11). Surgem novos problemas no âmbito cultural e artístico brasileiro e, por extensão e até antes, no cenário do Caribe Estendido, criando ambiente para novos problemas e reflexões, tais como o abandono da arte de seu palco privilegiado do livro para se dar no cotidiano da vida e o desnudar da poesia e da prosa de seus valores intrínsecos para se colocar como um mediador cultural, posicionando o leitor na negociação simbólica com o texto (SANTIAGO, 1998).

Dessas considerações advém que *Omeros*, longo poema de Derek Walcott (1994), e *Viva o povo brasileiro*, prosa de fôlego de João Ubaldo Ribeiro (1984), bem como a produção de maior evidência na literatura ocidental contemporânea, são textos compreendidos como produtos culturais multifacetados e interligados à sociedade e seus anseios por novas vozes e reescritura de velhos discursos.

Desse modo, a apresentação específica das duas obras que fundamentam o caráter literário desta tese-ensaio é feita no seio dessa contextualização teórica pós-colonial e cultural do Caribe Estendido e do Atlântico Negro.¹⁴ O corpus da pesquisa foi abordado em termos de meu posicionamento crítico no contexto da possível problematização do lugar da literatura brasileira, como parte da produção caribenha estendida, como incluída no âmbito pós-colonial em confronto com o pós-moderno. Nessa dicotomia (mais importante para discussões acadêmicas —duras— do que para a defesa da outrização produtiva que faço aqui), assumo o lado pós-colonial como preponderante, apesar de reconhecer muitas das linhas de semelhança entre os dois campos.

¹⁴ Essas duas metáforas geográficas serão descritas na seção 3.1 —Cartografias Imaginadas: o Caribe Estendido e o Atlântico Negro—.

Outra ressalva acerca dessas obras é a de que não as tomo em seu aspecto de literatura de fundação, mas por seu caráter marcante de exemplaridade para pensar, em outrização produtiva, as relações e encontros interculturais em nosso tempo, no cenário caribenho estendido. Em que pese não serem textos fundacionais per se, já que não são exatamente escritos sob o domínio de uma elite em detrimento da maioria, os múltiplos aspectos das representações identitárias contidas em *Omeros* e *Viva o povo brasileiro* fazem referências reiteradas ao processo de conformação de Estados-nação, o que é ainda mais acentuado em *Viva o povo brasileiro*. Também no capítulo 3, abordo a reflexão sobre configurações identitárias de —brasilidadesll e de —caribidadesll, sintetizadas em —caribidades estendidasll.

O capítulo 4 – —O cânone grosseiro: outrização produtiva, literatura e chulicell – traz o prosseguimento de minha teorização em torno da proposição teórica de —outrização produtivall (CARVALHO, 2003), com o objetivo de perscrutar e explicitar o lugar da linguagem chula no que considero o —cânone pós-colonialll, especificamente nas duas obras representativas que formam o corpus desta tese-ensaio. Como já mencionei anteriormente, a chulice presente nessas obras (como na maior parte dos textos literários mais relevantes das últimas décadas no Ocidente) é, portanto, tomada como —outrização produtiva lingüísticall, ou seja, a língua, em suas variantes indisciplinadas e vernaculares, como o —outro lingüísticoll que, na maioria das vezes, fica invisível na carnalidade do texto, pois que, em geral, as obras literárias são tomadas como monumentos (ELIOT, 1989) em que essa linguagem de baixo calão não passa de um detalhe, de uma licença poética pela fala dos personagens e, cada vez mais, também no texto dos narradores oniscientes.

Nessa perspectiva, visibilizar e refletir sobre a chularia nas duas obras literárias referidas é a proposta central do capítulo 4, o que se insere no âmbito dos Estudos Culturais Pós-Coloniais, especialmente pela utilização da —outrização produtivall como operador teórico desse campo, mas com o suporte epistemológico de diversas teorizações, tais como, entre outras: a filosofia visceral acerca dos limites da interpretação de Friedrich Nietzsche, em sua formulação da —história críticall, na Segunda consideração intempestiva: da

utilidade e desvantagem da história para a vida (2003); o pós-moderno, pelo conceito de —metaficção historiográfica, de Linda Hutcheon (1988); e a teoria literária e estética mais consistente no século XX, representada aqui principalmente por Northrop Frye, em *Anatomia da crítica* (1973), e por Roland Barthes (1998), com sua noção não hierarquizada e não hierarquizante de —textoll (1998).

Ainda no capítulo 4, apresento considerações acerca de certa —estilística da ironia ou —era da ironia para contextualizar a ficção e a poesia da contemporaneidade, que inclui o pós-moderno e o pós-colonial, entre outros —pós. Enfatizo as obras e autores centrais deste trabalho como exemplares desse ambiente, em favor da delimitação da outrização produtiva. O esforço que empreendi foi o de posicionar, tanto em termos linguísticos quanto temáticos, *Omeros* e *Viva o povo brasileiro* nesse ambiente da ironia, em que os heróis são exatamente os silenciados e historicamente inferiorizados em relação ao homem mediano eurocêntrico. Mas que isso não implique qualquer conotação moralista ou de valor essencial: não trabalho em termos de bondade e maldade, mas em termos de representação ficcional irônica, em que a postura de outrização produtiva é o fio condutor.

No capítulo 5 – —Outrização produtiva e os outros – –, abordo questões relacionadas ao revide e ao ressentimento, por meio da análise da subalternidade radical da escrava Vevé, em *Viva o povo brasileiro*, e da subalternidade relativa de Helen, em *Omeros*. Trata-se, portanto, de uma discussão que passa por considerações acerca de gênero, subalternidade e possibilidade de fala, como uma forma de unir os dois vieses da tese: o estético-político e o linguístico, ambos tomados para análise numa postura de desrecalque de vozes silenciadas, sob o signo da outrização produtiva. Finalizo o capítulo com —outras provocações, como forma de amalgamar os objetos e ideias centrais desenvolvidas na tese: outrização produtiva, literatura, chulice, ironia, cartografias imaginadas (ANDERSON, 1991) e o caráter diaspórico e insular dos escritores-intelectuais no âmbito do pós-colonial, entre outros temas. Nessas —outras provocações, destaco, para fins de consolidação da outrização produtiva, em contraste à mera

outrização, as contribuições de Tzvetan Todorov (2010) sobre as noções de barbárie e de civilização.

Como uma tese-ensaio, nos termos definidos anteriormente, mas em respeito ao caráter de tese mais do que ao de ensaio, configuro este trabalho como a apresentação de uma pesquisa de caráter descritivo e bibliográfico que empreende a abordagem teórico-analítico-crítica dos textos literários propostos. Para tanto, apropriei-me da articulação entre o legado da Teoria Literária e as contribuições mais recentes da Crítica Cultural, mais detidamente na dimensão do pós-colonial. De modo ainda mais específico: na seara dos Estudos Culturais Pós-Coloniais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] a apropriação, ou seja, a ativação da competência cultural das pessoas, a socialização da experiência criativa e o reconhecimento das diferenças, isto é, a afirmação da identidade fortalecida na comunicação – feita de encontro e conflito – com o outro.

Jesús Martín-Barbero; Comunicación y cultura
– unas relaciones complejas

Se uma epígrafe – ao fazer a abertura de uma obra, um capítulo ou uma seção de um trabalho acadêmico – servir de mote para a apresentação de um tema ou assunto, para o resumo do sentido ou para a motivação do trabalho desenvolvido, Martín-Barbero (1989) desempenha bem o papel de sintetizar o impulso da outrização produtiva, argumento teórico-metodológico central desta tese-ensaio. Ao analisar o ambiente comunicacional e cultural latino-americano, Martín-Barbero utiliza, nesse trecho curtíssimo, termos como —apropriação, —ativação da competência cultural das pessoas, —socialização da experiência criativa, —reconhecimento das diferenças e —encontro e conflito com o outro. Tais termos são caros para a consolidação que tentei empreender em relação à outrização produtiva no contexto contemporâneo do Caribe Estendido.

Porém, é possível concluir esta tese-ensaio com um conceito inequívoco de outrização produtiva? Como conceito-atitude formado por dois significantes antitéticos, outrização produtiva é, de modo simultâneo, aquilo que outrização significa originalmente – exclusão, discriminação e diminuição do outro – e aquilo que o segundo termo – produtiva – sugere: a produtividade de ação e relação com o outro. Proponho essa síntese antitética mesmo reconhecendo que há assimetria de poder e lugar de fala nas relações e encontros culturais, bem como sentimentos que, dominados ou sublimados, podem persistir em relação à diferença e ao desprezo pelo outro.

Nessa reengenharia semântico-terminológica, o epíteto —produtivall, em relação a —outrizaçãoll, funciona como o sufixo —guera, que pode variar em —quera ou —puera, a depender da eufonia na língua tupi (LAUAND, 2011). Esse sufixo, quando adicionado a uma determinada palavra, faz com que ela continue a ser ela própria, mas com seu sentido original modificado ou menos rigoroso: —Assim, anhangá é diabo, espírito com poderes; já anhanguera é alguém que, sem ser (mais) diabo, preserva algo do poder que um dia teve em plenitude [...]. Ibirapuera é o que resta daquilo que um dia foi mata (Ibirá).ll (LAUAND, 2011, p. 26).

Para tornar essa analogia com o sufixo tupi mais instrutiva ainda, retomo o título do artigo de Jean Lauand (2011) – —O que continua, se não é mais?ll – para, reiteradamente, consolidar a noção de que outrização produtiva é a continuação dos estranhamentos e desentendimentos atávicos, mas modelados para a produção de frutíferos encontros culturais, dadas as condições históricas e políticas favoráveis na contemporaneidade tecnológica, judicializada e radicalmente polissêmica. Por esse viés do que foi, mas continua no novo, estimo pertinente a colocação de Edward Said para ilustrar a colocação de João Ubaldo Ribeiro e Derek Walcott no âmbito do pós-colonial como autores não-ressentidos:

Muitos dos escritores pós-coloniais mais interessantes carregam dentro de si seu passado - como cicatrizes de feridas humilhantes, como estímulo para práticas diferentes, como visões potencialmente revistas do passado tendendo a um novo futuro, como experiência a ser urgentemente reinterpretada e rerepresentadas em que o nativo, outrora calado, fala e age em territórios recuperados ao império. Vemos esses aspectos em Rushdie, Derek Walcott, Aimé Césaire, Chinua Achebe, Pablo Neruda e Brian Friel. (SAID, 1995, p. 64; grifo meu).

Aí está implícita uma conexão clara entre o impulso da outrização produtiva – as humilhações e cicatrizes do passado usadas como revisão do próprio passado para a construção de novas perspectivas –, o pós-colonial e os escritores diaspóricos que nos legaram Omeros e Viva o povo brasileiro. O nome de João Ubaldo Ribeiro não está na lista ao final da citação acima, mas poderia estar, assim como não se encontra o nome de Wole Soyinka e os de tantos outros que poderiam estar, pois a descrição de Said lhes é também apropriada.

Portanto, como o sufixo –guera, o qualificador —produtivall é uma perspectiva ou um olhar para novas sensibilidades em relação à realidade, como uma —continuidade projetiva do passadoll (LAUAND, 2011, p. 27) da mera outrização. Omeros e Viva o povo brasileiro, nessa projeção continuada das clivagens e violências do passado, instauram reflexões acerca da diferença entre os povos e entre os grupos sociais, o que leva ao questionamento sobre o quão preparada está a humanidade contemporânea para aceitar alteridades que não sejam sua semelhança, ou seja, o quão preparados estamos para não ficarmos presos às armadilhas da tradição, ao mesmo tempo que respeitamos tradições nossas e alheias. Em suma, a capacidade humana de atuar conforme um ideário de outrização produtiva ou de civilização à Todorov.

A esse caráter político-institucional de possibilidades para a outrização produtiva, na seara literária, tentei aliar o aspecto linguístico, pelo viés da chulice ou cânone grosseiro, como desenvolvido no capítulo 4. Ou seja, olhei para o interior dos textos literários aqui abordados em sua linguagem significativa, além de seu exterior simbólico – suas reverberações e inscrições no imaginário social de seus respectivos povos (ou povo caribenho estendido). Afinal, toda obra literária tem, no mínimo, este duplo textual: a carnalidade da língua(gem) e a representação da sociabilidade. Por certo, essas duas obras e a produção total de seus autores propõem mais do que o diálogo com as fontes populares: estabelecem um relevante diálogo intertextual com a tradição ficcional do Caribe Estendido, da Europa e da África, o que também assinala o lugar desses autores e de seus textos nessa tradição, que é, simultaneamente, homenageada e ironizada. Na verdade, Omeros e Viva o povo brasileiro contêm muitas das inovações da literatura do século XX, tais como os pontos de vista plurais, a diluição do narrador, a rasura da linearidade temporal e a alternância e multiplicidade de espaços.

Nessa linha, perspectivas de pesquisa em outras obras contemporâneas, sob a ótica da outrização produtiva, ficam abertas para futuros estudos. Na verdade, nem mesmo exaurir o estudo da totalidade do chulo contido em Omeros e Viva o povo brasileiro foi meu objetivo inicial. Como exemplo para análise nessas duas obras, também se impôs, ao longo desta tese-ensaio, uma possibilidade para um trabalho futuro em torno de questões de tradução, cujo escopo teórico não poderia ser abrangido na proposta aqui desenvolvida. Trata-se de uma pesquisa

com as armadilhas e obstáculos (alguns dos quais aponte em certos momentos deste trabalho) de tradução de Omeros, por Paulo Vizioli (1994), do inglês walcottiano para o português, e com as mesmas vicissitudes de tradução de Viva o povo brasileiro, pelo próprio João Ubaldo Ribeiro (An invincible memory; 1989), do português para o inglês. Ficou claro para mim que tal trabalho demandará uma —tesell específica, o que pretendo concretizar em um provável programa de pós-doutorado dentro de poucos anos.

Do mesmo modo, horizontes de teorização em torno do conceito-atitude de outrização produtiva podem surgir como sequência aos comentários ensaísticos feitos nesta tese, pois entendo que os textos literários aqui analisados ainda podem ser mais bem explorados em suas potencialidades para se pensar a outrização produtiva em suas várias vertentes. O sonho latente nessas obras-texto é o de sociedades abertas ao diálogo na diferença e de um Caribe Estendido (e uma humanidade) em que identidades plurais mantenham uma coexistência relacional. Do mesmo modo, outras obras de metaficção historiográfica contemporâneas – de Walcott e de Ubaldo Ribeiro, bem como de outros – podem ser objetos de estudos pela perspectiva teórica iniciada nesta tese-ensaio. Afinal, a chulice, as identidades diaspóricas, o Caribe Estendido e outras metáforas cartográficas, no contexto de civilização todoroviana, estão em plena expansão simbólica, política e econômica, em plena oferta de campo de estudo para a perspectiva da outrização produtiva.

Em termos de processo de pesquisa acadêmica, outrização produtiva tem sido um fio condutor desde o início das pesquisas que fiz durante o curso de Mestrado, como assinali diversas vezes. Por esse motivo, cabe mencionar, nessas linhas finais, um dos testes por que passou, em seu nascedouro, a noção de outrização produtiva: um dos julgadores da banca de defesa de minha Dissertação questionou o fato de outrização produtiva, ao longo do texto, receber diferentes classificações quanto a seu gênero teórico. Para esse avaliador, o fato de outrização produtiva ser considerada, ao mesmo tempo, —conceitoll, —dispositivo metodológicoll e —atitutell, por exemplo, diminuía a consistência de sua teorização. Questionou também a propriedade de se considerar outrização produtiva um —conceitoll. Pois bem, com essa instigante e profícua provocação, após mais de oito anos de testes, com diferentes interlocutores e em diversos eventos e publicações,

repito a mesma resposta que ofereci na época, ainda mais completa e com mais ênfase: outrização produtiva é um conceito, uma vez que tomemos a definição geral desse termo como a representação de um objeto ou fenômeno pelo pensamento, por meio de seus elementos gerais, configurando uma abstração ou uma ideia (FERREIRA, 1986). Se considerarmos que conceito pode ainda ser sinônimo para concepção, noção, definição e caracterização, ou seja, a formulação de uma ideia por meio de palavras, outrização produtiva, do modo como apresentei nesta tese-ensaio, certamente é um conceito, mas não no sentido de conceito absoluto, como se encontra em Lógica ou na Escolástica.

Estabelecido que outrização produtiva seja um conceito, procurei investigar se era também —dispositivo metodológico e —atitude, sem se contradizer com o fato de se tratar de um conceito. Como deixei explícito no capítulo 2, outrização produtiva é primordialmente consignação de teorias do campo dos Estudos Culturais Pós-Coloniais, além de teorizações de outros campos, de modo subsidiário. Cabe também concluir pela função de dispositivo metodológico, pois outrização produtiva guiou a forma com que os objetos-sujeitos foram aqui abordados. Entretanto, o mais pertinente para mencionar nessas considerações finais a respeito desse teste classificatório para o conceito de outrização produtiva é a compilação que fiz, a título de curiosidade intelectual, sobre que outras designações eu havia dado, consciente ou inconscientemente, ao longo do texto da dissertação de Mestrado. A maioria dessas designações foi utilizada nesta tese-ensaio.

Portanto, a lista a seguir é um campo semântico que pode definir, por meio de significantes aparentemente aleatórios, o que outrização produtiva acabou internalizando em meu universo de significação a respeito de minha perspectiva para todo o campo da Crítica Cultural. Além de conceito, dispositivo metodológico e atitude, eis a lista: conceito-atitude, argumento central, diálogo, diálogo intercultural, dispositivo conceitual, dispositivo teórico, operador metodológico, operador de leitura, aberturas e encontros, interlocução cultural, negociação cultural, semiutopia, esforço de entendimento cultural recíproco, postura, aglutinação conceitual, abordagem crítica e autorreflexiva, proposta, noção, processo (não é um telos), vontade de inserção através do relacional, signo,

rubrica, postulado, atuação, sugestão, posicionamento, estágio, conversa, ambiente, paisagem e tarefa.

Com esse último mapeamento semântico consignador, de modo precariamente conclusivo e reiterado, sintetizo que outrização produtiva é atitude e ambiente de negociação cultural que não admite inocência, mas convida à conveniência dos encontros em nome de uma produtividade não-mecanicista, mas pautada pela necessidade e pelas possibilidades cada vez maiores de encontros e trocas entre culturas (cultura aqui entendida como laços de afinidade comportamental, política, religiosa, sexual, étnica etc de grupos ou comunidades sociais que estão ou não localizadas em termos geográficos), em nome de demandas por sobrevivência, lazer, convivência ou por desenvolvimento de potencialidades.

Em termos de possibilidades de ampliação teórica das reflexões sobre outrização produtiva, vislumbro também seu desdobramento em conceitos-atitude derivados, com delimitações distintas. Desse modo, da mera outrização, em condições nas quais o mesmo dita a totalidade do discurso e silencia o diferente – o outro –, concebi a outrização produtiva, com seu caráter radicalmente negocial e relacional no que se refere a encontros culturais contemporâneos e representações identitárias. Porém, ainda podem ser pensadas as categorias de (1) outrização reativa, em que o diálogo é impedido ou intentado por meio do revide e do ressentimento, por parte da militância social, política e cultural; e (2) outrização assimilativa, com aparente aceitação e consenso quanto ao modo de representar esse outro pós-colonial (e minorias-maiorias em geral) como commodity turística estereotipada ou como imagem para exportação, e não como cidadão legítimo em busca de afirmação social em meio à construída e violenta discriminação ao longo dos séculos de (de)formação do Caribe Estendido.

Além disso, o indígena e o negro e a cultura índio-afro-baiana-brasileira-caribenha são simplesmente ainda omitidos, em um processo inconsciente de representação de certo pathos social, de muitos dos contextos literários e simbólicos em que a herança africana poderia comparecer legitimamente, uma vez que a maioria da população é, hoje, negra e já foi de maioria indígena. Nesse ambiente, posso postular a hipótese de que uma outrização produtiva – de abertura ao diálogo consciente e de uma postura de apropriação e reescritura da

história em conjunto com os vários grupos sociais e étnicos que compõem o mosaico dessas cartografias imaginadas – não se impôs ainda de modo crítico e realista nas mentes, prosas e versos daqueles que representam, ou têm a oportunidade de representar, de um modo ou de outro, a índio-negritude do Caribe Estendido. São propostas para outros trabalhos acadêmicos futuros.

Numa sessão que se chama —Considerações finaisII (e jamais poderia chamá-la de —ConclusãoIII), uma consideração talvez intempestiva: por que se discutir e se advogar tanto, no culturalismo contemporâneo, especialmente no campo dos Estudos Culturais Pós-Coloniais, posturas de miscigenação, mescla, hibridação, contaminação, dessacralização, descentramento, devoração antropofágica, apropriação e ab-rogação, entre outras, se mantivermos as amarras acadêmicas fixas do que se pode e não se pode discutir e fazer em termos de produção de conhecimento? Essa é, na verdade, uma pergunta-justificativa para apontar, a partir do meu lugar de enunciação, certas linhas de afetividade que mantenho com os dois autores aqui abordados. Com João Ubaldo Ribeiro, o fato de ele ser da Bahia, onde resido há mais de 25 anos, além de ele ter morado em Sergipe (onde nasci e vivi até meus 15 anos) durante a fase mais marcante de sua infância. Conheço pessoalmente a ecologia de diversos de seus cenários ficcionalizados. Em suma, sinto-me como um observador de suas histórias como se lá estivesse, participando um pouco, mas principalmente sendo testemunha ocular. Além disso, no que diz respeito a aspectos estritamente literários, sua dicção, sua argúcia e sua facilidade em transitar da chulice para o erudito condizem com o que aprecio em termos de minha própria produção intelectual e de minha atuação cotidiana.

Quanto a Derek Walcott, ligo-me a ele de modo —pessoalIII pelo fazer poético que comungamos, além de ter grande empatia em relação aos aspectos autobiográficos de suas obras, especialmente em *Omeros*. Seu exercício de outrização produtiva no nível literário funciona tanto no eixo sincrônico quanto no diacrônico, em termos de diálogo de signos de diversas eras da humanidade, além de diversos pontos do mundo de hoje e da Antiguidade greco-romana, numa postura de hibridação em looping. Essa fascinação pela história inteira da humanidade Ocidental (não como monumento, mas como marcas de uma construção não-linear de um percurso humano na história, especialmente nas produções escritas, intencionalmente estéticas ou não), aparece em *Omeros* desde

seu título. De modo ensaístico, naquele sentido de proximidade com a poesia, e em tom de brincadeira literário-acadêmica, digo: —Viva Ubaldo brasileiro! (RISÉRIO, 1999). Viva Derek Walcott! Viva o povo caribenho estendido! Viva a Grécia! Viva a África! Viva a humanidade! Pois um humanismo renovado não é tão sério a ponto de fixar os signos aqui ou lá. Os signos culturais que conformam a humanidade estão aqui, ali e acolá. Essa é a mensagem de Omeros e Viva o povo brasileiro.

Ainda insistindo na subjetividade do acadêmico em relação a seus objetos de estudo, listo mais alguns aspectos que me fazem identificado com esses dois autores, a saber: foram leitores ávidos de clássicos e não-clássicos na infância e na adolescência, fizeram incursões pelo jornalismo (eles, na prática; eu, em um curso universitário que abandonei já no final, nos idos anos 90 do século passado, na Universidade Federal da Bahia), foram e/ou são professores e, last but not least, mais especificamente sobre o objeto teórico central desta tese-ensaio, não nutrem ingênuas esperanças ou representações sobre a humanidade, mas veem as possibilidades de diálogos e revisões históricas sem um ressentimento limitador – outrização produtiva. Em um sentido, foram Derek Walcott e João Ubaldo Ribeiro que me —ensinaram o que é outrização produtiva.

Finalmente, nesta tese-ensaio,¹⁰¹ em que consistiu a tese? Onde o ensaio? Ou ainda: qual foi a tese deste ensaio? Na esperança de que tenha ficado claro ao longo da escritura feita até este ponto, reafirmo que tese-ensaio é um híbrido dos dois significantes que compõem o termo, mas é talvez um terceiro: um locus privilegiado para meus próprios desejos, minhas próprias vaidades, meus próprios medos, minha própria utopia. Relembro a perspectiva de Massaud Moisés (2003) a esse respeito, quando afirma haver, no ensaio, uma subjetividade que se divide em duas: aquela do —eull que busca a autoanálise e a outra do —eull que analisa objetos diversos com o objetivo de conhecê-los, mas também com a finalidade de

¹⁰¹ Dos vícios e manias estilísticas que todo processo de escrita contém, denunciando traços de seu —autor, nessas considerações finais dei-me conta da intensidade com que me tornei afeiçoado a hifenizações de significantes para a formação de vocábulos híbridos, como é o caso do termo —tese-ensaio, já justificado na introdução. De fato, também no nível estilístico, surpreendi-me coerente com o ethos dominante no campo da Crítica Cultural. Sem tentar um apanhado exaustivo, a título de mera curiosidade, seguem alguns desses termos hifenizados e prenhes de hibridação: território-página (na seção de agradecimentos); objetos-sujeitos, obras-texto, epos-romance, rasura-homenagem, revisão-denúncia e intelectuais-autores (para descrever os autores e obras sob análise); científico-ensaístico (para caracterizar este trabalho), poeta-acadêmico e crítico-ensaísta (meu lugar de fala); conceito-atitude (outrização produtiva); e pergunta-justificativa.

conhecer-se. Aqui, no fim das contas, fiz —uma leitura de Omeros e de Viva o povo brasileiro, à luz do conceito-atitude de outrização produtiva, na intenção de tê-la feito de forma —correta, no sentido que George Steiner delimita: —Ler corretamente é correr grandes riscos. É tornar vulnerável nossa identidade, nosso autodomínio. (STEINER, 1988, p. 29). Na verdade, o argumento central partiu mesmo dessa postura, na digressão pessoal e afetiva descrita nos parágrafos anteriores.

Assim, a concepção de outrização produtiva foi impulsionada, desde minhas pesquisas durante o curso de Mestrado, por essa semiutopia que é o fato de o historicamente chamado Novo Mundo, especialmente em sua área mais tropical, de fato trazer um ambiente de renovação para o mundo. A maioria dos autores abordados aqui, incluindo os dois componentes do corpus literário, concorda e alardeia essa ideia de que a América Latina e o Caribe Estendido são um celeiro para renovações epistemológicas, culturais, políticas e sociais para o resto do mundo. Não como uma régua ou modelo a ser imposto aos outros (pois aí não seria uma renovação, mas a barbárie todoroviana), mas como permanente convite ao diálogo intercultural e ao deslizar pela cultura e, por que não dizer, pela superfície dos corpos e das terras, em trocas produtivas, carnavalizadas e sem o impulso fácil da mera outrização.

Iniciei esta tese-ensaio colocando-me no lugar de poeta para falar da poesia e da ficção de Derek Walcott e de João Ubaldo Ribeiro, pelo duplo viés da política e da linguística, na consolidação de um viés de outrização produtiva nos encontros culturais contemporâneos. Para manter a coerência e o envolvimento subjetivo com meu objeto linguístico, finalizo este trabalho também com meu lugar de fala de poeta, proferindo, agora com minhas palavras – meus versos –, um pouco da chulice que apontei nos textos de outros. Fiquei mascarado e bem comportado para explicitar a chularia alheia, mas eis-me um pouco chulo, no poemeto —Para uma estética da defecação¹⁰²

¹⁰²CARVALHO, Isaías Francisco de. (in)versos. Prefácio de Décio Torres Cruz. Salvador: Edição do Autor, 1999. p. 67. Disponível em: <<http://sites.google.com/site/fuligempoetica/Inversos>>. Acesso em: 15 jul. 2011.

Abaixo os cânones!
Elejo os cães e seus dejetos
o modelo do projeto moderno.

Abaixo os cânones!
Elejo o ânus e a merda
as formas belas maiores, as musas.

No horizonte,
o buraco negro da criação. (CARVALHO, 1999, p. 67).¹⁰³

¹⁰³ Como arremate final, meus versos podem denunciar que, anos antes deste trabalho que inclui o brinquedo irônico com cânones, expressei meu desejo de rasurar a ideia mesma de cânone e de bordejar o chulo. É como se eu já antevisse a possibilidade da configuração do que chamo de cânone grosseiro e do elogio que faço à chulice.

REFERÊNCIAS

- Academia Brasileira de Letras. João Ubaldo Ribeiro. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=319>>. Acesso em: 28 set. 2011.
- ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: COHN, Gabriel (Org.); FERNANDES, Florestan (Coord.). Theodor W. Adorno. São Paulo: Ática, 1986. p. 167-87. (Sociologia)
- ALIGHIERI, Dante. A divina comédia — Inferno. Tradução de José Pedro Xavier Pinheiro. 2003. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/inferno.html>>. Acesso em: 18 set. 2010.
- ALENCAR, José de. Iracema. 33. ed. São Paulo: Ática, 1998. (Série Bom Livro)
- ALLÉN, Sture. Nobel Lectures, Literature 1991-1995. Singapura: World Scientific Publishing Co., 1997. —Derek Walcott - Biography". Nobelprize.org. Disponível em: <http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1992/walcott-bio.html>. Acesso em: 28 set. 2011.
- ALTARES, Guillermo. Derek Walcott defende a cultura mestiça. Entrevista concedida por Derek Walcott ao jornal El País, reproduzida, com tradução de Clara Allain, no jornal Folha de São Paulo, São Paulo, 29 de junho, 1994. Caderno ILUSTRADA, p. 5. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/arquivos>>. Acesso em: 06 mar. 2003.
- ANDERSON, Benedict. Imagined communities: reflections on the origin and spread of nationalism. London - New York: Verso, 1991.
- ASHCROFT, Bill et al. The Empire writes back: theory and practice of post-colonial literatures. New York: Routledge, 1994.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 14724: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. 2. ed. Rio de Janeiro, 2005. 9 p.
- AUERBACH, Erich. Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: EDUSP/Perspectiva, 1971.
- BAKHTIN, Mikhail. Epos e romance: sobre a metodologia do estudo do romance. In: Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. Tradução de Aurora Bernardini e outros. 4. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1998. p. 397-428.
- BARTHES, Roland. O rumor da língua. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- BATAILLE, Georges. O erotismo. Tradução de Cláudia Fares. São Paulo: Arx, 2004.
- BENDA, Julien. The treason of the intellectual. Tradução de R. Aldington. Nova York: Norton, 1969.

BENÍTEZ-ROJO, Antonio. The repeating island; the Caribbean and the postmodern perspective. Tradução de James E. Maraniss. Durham: Duke University Press, 1992. (Post-Contemporary Interventions)

BERND, Zilá (Org.). Escrituras híbridas: estudos em literatura comparada interamericana. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

BHABHA, Homi. (Ed.). Nation and narration. London/New York: Routledge, 1990.

_____. O Local da Cultura. Tradução de Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: EDUFMG, 1998.

BLOOM, H. O Cânone Ocidental: os livros e a escola do tempo. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1994.

BONNICI, Thomas. O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura. Maringá: Eduem, 2000.

BOSI, Alfredo. Dialética da Colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRASIL. Presidência da República. Lei Federal nº 10.639. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. 9 de janeiro de 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 19 mar. 2011.

_____. Presidência da República. Lei Federal nº 11.645. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. 10 de março de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm>. Acesso em: 20 mar. 2011.

BRZEZINSKI, Zbigniew. Entrevista concedida a Fareed Zakaria. GPS - CNN. 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=PjmLhUufoMA>>. Acesso em: 06 mar. 2012.

BUTLER, Judith. Gender trouble: feminism and the subversion of identity. New York: Routledge, 1990.

CANCLINI, Néstor Garcia. Das utopias ao mercado. In Culturas híbridas; estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1998. p. 31-66.

CARVALHO, Isaiás Francisco de. Estesinversos: produção literária e acadêmica. Google Sites, 2009a. Disponível em: <<http://www.estesinversos.com>>. Acesso em: 24 dez. 2010.

_____. Estrangeiro: Caetano Veloso como intelectual diaspórico. In: Anais do III Seminário de Língua Portuguesa e Ensino & I Colóquio de Linguística, Discurso e Identidade. Ilhéus: Universidade Estadual de Santa Cruz, 2010a. Disponível em: <<http://www.uesc.br/eventos/selipeanais/anais/isaiasfrancisco.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2011.

_____. Fuligem poética. 2010b. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/fuligempoetica/>>. Acesso em: 17 jul. 2011.

_____. (in)versos. Prefácio de Décio Torres Cruz. Salvador: Edição do Autor, 1999. Disponível em: <<http://sites.google.com/site/fuligempoetica/Inversos>>. Acesso em: 15 jul. 2011.

_____. Iracema: a suspensão do outro em Alencar. Cadernos do Expogeo, #009/Julho. Salvador: Expogeo, 1998. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/estesinversos/Home/curriculo-lattes/publicacoes-academicas/iracema-a-suspensao-do-outro-em-alencar>>. Acesso em: 30 jul. 2011.

_____. O narrador pós-colonial. Anais do I CONLIRE - Congresso Nacional de Linguagens e Representações: Linguagens e Leituras; UESC – Ilhéus, Bahia / outubro de 2009b. Disponível em: <http://www.uesc.br/eventos/iconlireanais/iconlire_anais/anais-19.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2010.

_____. Omeros-Walcott: outrização produtiva; uma poética semi-utópica dos encontros culturais. 158 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2003.

_____. Subalternidade e a "alminha brasileira". Interdisciplinar: Revista de Estudos de Língua e Literatura. Ano V, v. 11, jan/jun 2010. Itabaiana-SE: Edições Núcleo de Letras/Universidade Federal de Sergipe, 2010c.

CEIA, Carlos. Distopia. E-dicionário de termos literários. Coordenação de Carlos Ceia. Disponível em: <<http://www.fcsh.unl.pt/edtl>>. Acesso em: 15 out. 2010.

CÉSAIRE, Aimé. From Discourse on colonialism. In: WILLIAMS, Patrick & CHRISMAN, Laura (Ed.; Int.). Colonial Discourse and Post-Colonial Theory: a reader. New York: Columbia University Press, 1994. p. 172-180.

CHOMSKY, Noam. Palestinos. Impessoas. Livres! Depoimento a Amy Goodman, do Democracy Now. Tradução Antonio Martins. In: Outras Palavras. 2011. Disponível em: <<http://www.outraspalavras.net/2011/10/20/palestinos-impessoas-livres/>>. Acesso em: 05 dez. 2011.

COMPAGNON, Antoine. O Demônio da teoria: literatura e senso comum. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 1999. (Humanitas)

CORRÊA, Alexandre Furtado Albuquerque. Metáforas do Arquipélago: diversidade e transculturação nas Américas. 200 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco – Letras, 2007.

COSTA, Sérgio. A Construção Sociológica da Raça no Brasil. Estudos Afro-Asiáticos. v.24, n.1 Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-546X2002000100003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt#nt01>. Acesso em: 19 dez. 2003.

CRUZ, Décio Torres. Anotações manuscritas de encontros de orientação acadêmica. Salvador: UFBA, 2003.

_____. Anotações manuscritas de encontros de orientação acadêmica. Salvador: UFBA, 2011.

_____. Contra a Podridão. Jornal A TARDE, Salvador, 1997. Caderno A TARDE Cultural. p. 1-5.

_____. Fragmentação e perda de identidade na literatura: condição (pós) moderna ou (pós) colonial? in: Estudos Linguísticos e Literários, n. 21/22. Salvador, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística: Universidade Federal da Bahia, jun-dez, 1998. p.129-148.

_____. O discurso do outro na literatura pós-colonial caribenha de língua inglesa. Estudos Linguísticos e Literários. n. 25/26, Salvador, EDUFBA, jan./dez. 2000. p.146-61.

CRUZ, Maria de Fátima Berenice da. Viva o povo brasileiro: uma escrita sobre o palimpsesto da cultura (dissertação de mestrado). Feira de Santana: Programa de Pós-graduação em Literatura e Diversidade Cultural da Universidade Estadual de Feira de Santana, 2003.

CUNHA, Eneida Leal. Apresentação da reedição de: SANTIAGO, Silviano. Nas malhas da letra: ensaios. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

_____. Literatura e identidade. In Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões. v. 1, n. 1. Ilhéus: UESC/EDITUS, 1998. p. 175-89.

_____. Viva o povo brasileiro: história e imaginário. Portuguese Cultural Studies. v. 1, 2007. p. 1-13. Disponível em: <<http://www2.let.uu.nl/solis/psc/p/volumeone.htm>>. Acesso em: 14 fev. 2011.

DASH, J. Michael. Introdução a: GLISSANT, Edouard. Caribbean discourse: selected essays. Charlottesville and London: University Press of Virginia, 1989. p. xi-xlv, (Caraf Books series).

DERRIDA, Jacques. A Escritura e a Diferença. São Paulo: Perspectiva, 1971.

_____. Mal de arquivo: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. (Coleção Conexões; 12)

EASTHOPE, Antony. Literary into cultural studies. London and New York: Routledge, 1991.

ELIOT, Thomas Stern. Tradição e Talento Individual. In: Ensaios. São Paulo: Art Editora, 1989. p. 37-48

ESTEVES, José Manuel Vasconcelos. Ironia e argumentação. Lisboa: Universidade da Beira Interior, 2009.

FANON, Frantz. Black skin, white masks. Tradução do francês por Charles Lam Markmann. New York: Grove Weidenfeld, 1967.

FARIAS, Tiago. Cânone marginal. Webartigos.com. 2008. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/12947/1/canone-marginal/pagina1.html>>. Acesso em: 13 abr. 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda (Ed.). Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FIGUEIREDO, Eurídice. Canadá e Antilhas: línguas populares, oralidade e literatura. Gragoatá. n. 1. Niterói: EDUFF, 1996. p. 127-136.

FORSTER, E. M. A passage to India. Nova York: Maniner Books, 1965.

FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do Saber. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986.

_____. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução de Salma Tannus Muchail. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (Col. Ensino Superior)

FRANCO, Jean. The nation as imagined community. In: VEESER, Aram H. (Ed.). The new historicism. Nova York: Routledge, 1989. P. 204-12.

FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios. In Obras completas. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1970. p. 149-58.

FREUD, Sigmund. The —uncannyll. In: Collected papers. New York: Basic Books, Inc., 1959. v. 4. p. 368-407.

FREYRE, Gilberto. Casa-grande e Senzala. 28 ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

FRYE, Northrop. Anatomia da crítica. São Paulo: Cultrix, 1973.

GILROY, Paul. O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-asiáticos, 2001.

GLISSANT, Edouard. Caribbean discourse: selected essays. Tradução e introdução de J. Michael Dash. Charlottesville and London: University Press of Virginia, 1989. (Caraf Books series)

GROSSBERG, L.; NELSON, C.; TREICHLER, P. (Ed., Introd.). Cultural Studies. London and New York: Routledge, 1992. p. 1-22.

GUGELBERGER, Georg M. Postcolonial cultural studies. The Johns Hopkins University Press, 1997. Disponível em: <http://www.press.jhu.edu/books/hopkins_guide_to_literary_theory/postcolonial_cultural_studies.html>. Acesso em: 11 mar. 2003.

HALL, Stuart. Cultural identity and diaspora. In: Colonial Discourse and Post-Colonial Theory: a reader. Edited and introduced by Patrick Williams and Laura Chrisman. New York: Columbia University Press, 1994. p. 392-403.

HUGHES, Robert. Cultura da reclamação: o desgaste americano. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

HOUAISS. Dicionário eletrônico da língua portuguesa. Versão 1.0 – Dezembro de 2001. Instituto Antônio Houaiss. Editora Objetiva Ltda, 2001.

HUTCHEON, Linda. A poetics of postmodernism: history, theory, fiction. New York & London: Routledge, 1988.

HUYSEN, Andreas. Mapeando o pós-moderno. In HOLANDA, Heloísa Buarque. Pós-modernismo e política. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 15-80.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=ba>>. Acesso em: ago/2003.

INGLIS, Fred. Cultural Studies. Oxford and Massachusetts: Blackwell Publishers, 1993.

JAMESON, Frederic. Sobre os —estudos de culturall. Novos Estudos CEBRAP, Tradução de John Manuel Monteiro e Otacílio Nunes, n. 39, p. 11-48, julho, 1994.

KING, Bruce. Derek Walcott: a Caribbean life. Oxford: Oxford University Press, 2000.

KINCAID, Jamaica. A Small Place. New York: Farrar, Straus, and Giroux, 1988.

KRISTEVA, Julia. Nations without nationalism. Translation by Leon S. Roudiez. New York: Columbia University Press, 1993.

LAMMING, George. Caliban orders history. In: The pleasures of exile. London: Michael Joseph, 1960. p. 118-50.

LAUAND, Jean. O que continua, se não é mais? Língua Portuguesa. Ano 5, n. 68, junho de 2011. p. 26-27.

Lech Walesa Institute Foundation. Luiz Inácio Lula da Silva is this year's laureate of the Lech Walesa Award. 2011. Disponível em: <<http://www.ilw.org.pl/en/>>. Acesso em: 29 set. 2011.

LYOTARD, Jean-François O pós-moderno explicado às crianças. Lisboa: D. Quixote, 1987.

MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa (Orgs.). Dicionário da Crítica Feminista. Porto: Afrontamento, 2005. p. 153-154.

MARLOWE, Christopher. The Tragical History of Dr. Faustus. Project Gutemberg, 2009. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/779/779-h/779-h.htm>>. Acesso em: 05 dez. 2011. [EBook #779]

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Comunicación y cultura – unas relaciones complejas. Revista Telos, 19, 1989. p. 21-26.

MATOS, Gregório de. Obra completa. v. 2. Edição James Amado. Rio de Janeiro: Record, s/d.

MESSA, Márcia Rejane. As mulheres só querem ser salvas: Sex and the City e o pós-feminismo. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. E-compos. Abril de 2007 - 2/19.

MIGNOLO, Walter. Globalization, civilization processes, and the relocation of languages and cultures. In: JAMESON, Frederic & MIYOSHI, Masao (Eds). The cultures of globalization. Durham: Duke University Press, 1998. p. 32-53. (Post-Contemporary Interventions)

_____. La razón postcolonial: herencias coloniales y teorías postcoloniales. Gragoatá. Niterói: EDUFF, n. 1, 2. sem. 1996.

MILLS, Sara. Colonial and post-colonial discourse theory. In: Discourse. Londres: Routledge, 1997. Disponível em: <<http://www.shu.ac.uk/schools/cs/teaching/slm/mills/col.html>>. Acesso em: 11 abr. 2003.

- MOISÉS, Massaud. O ensaio. In: A criação literária: prosa II. 18. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.
- MONTAIGNE, Michel Eyquem de. Os Ensaíos. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- MONTEIRO, Fernando. Nobel, Nobéis. In: Continente Multicultural. Recife: CEPE, setembro, 2002. p. 28-31.
- NAIPAUL, V. S. The Mimic Men. London: Penguin Books, 1969.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Tradução Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. (Conexões; 20)
- OLIVEIRA FILHO, Jesiel Ferreira de. Leituras pós-coloniais de comemorações lusófonas. 2003. Dissertação (Mestrado em Críticas da Literatura e da Cultura). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- OLIVIERI-GODET, Rita. Construções identitárias na obra de João Ubaldo Ribeiro. Tradução de Rita Olivieri-Godet, Regina Salgado Campos. São Paulo: HUCITEC; Feira de Santana: UEFS; Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. (Linguagem e Cultura; 44)
- OLSON, Steve. Conceito de raça é lançado por terra. Jornal A Tarde, caderno Internacional/Ciência, p. 16. Salvador, 5 de janeiro de 2003.
- PAES, José Paulo. O poema do remorso e do resgate. In: _____. Os perigos da poesia e outros ensaios. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.
- PAIVA, Maria Helena de Novais. Contribuição para uma estilística da ironia. Lisboa, 1961. (Publicações do Centro de Estudos filológicos, 12)
- PIRES, Antônia Cristina de Alencar. A outra História - (Des)construções - Memória e identidade cultural em "Viva o povo brasileiro". Tese (Doutorado). 280 p. Universidade Federal de Minas Gerais – Estudos Literários. 2000.
- PÓLVORA, Hélio. Por vias transversais. Jornal A Tarde, Salvador, 21 de dezembro de 2002, Caderno Cultural.
- PONDÉ, Luiz Felipe. Esse livro do Dawkins é uma auto-ajuda para ateus inseguros. Entrevista concedida ao IHU On-line – Revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. n. 245, de 26-11-2007. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?secao=245>>. Acesso em: 09 jul. 2011.
- PRATT, Mary Louise. Pós-colonialidade: projeto incompleto ou irrelevante? In: VÉSCIO, Luiz E.; SANTOS, Pedro B. (Orgs.). Literatura e História: perspectivas e convergências. Bauru: EDUSC, 1999. p. 17-54.
- RAMOS, Luís Antonio Cajazeira. Veneno na veia poética. Entrevista concedida a Ricardo Vieira Lima. Jornal de poesia. 2002. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/lac31.html>>. Acesso em 16 nov. 2010.
- REIS, Eliana Lourenço de Lima. Pós-colonialismo, identidade e mestiçagem cultural: a literatura de Wole Soyinka. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999.

REZENDE, Marcelo. Derek Walcott recria a tradição no Caribe. Entrevista concedida por Derek Walcott ao jornal Folha de São Paulo. 19 de dezembro, 1994, Caderno ILUSTRADA.

RIBEIRO, João Ubaldo. *An Invincible Memory (Viva o Povo Brasileiro)*. Nova York: Harper & Row, 1989.

_____. *A casa dos Budas ditosos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

_____. *Diário do farol*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

_____. *Miséria e grandeza do amor de Benedita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

_____. *O Feitiço da Ilha do Pavão*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

_____. *Storkwinkel 12, Rio*. In: *Um brasileiro em Berlim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

_____. *Vila Real*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

_____. *Viva o povo brasileiro*. 10. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

RISÉRIO, Antonio. *A utopia brasileira e os movimentos negros*. São Paulo: editora 34, 2007.

_____. *Viva Ubaldo brasileiro*. *Cadernos de literatura brasileira*. n. 7, 1999.

RODRIGUES, Inara de Oliveira. O espaço do incomunicável em *A árvore das palavras*, de Teolinda Gersão. *Revista Letras de hoje*. v. 41, n. 3. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 57-66.

ROSADO, María Esther Ramos. *La mujer Negra en la literatura puerorriqueña: cuentista de los setenta*. San Juan/Porto Rico: Editorial de la Universidad de Puerto Rico, 1999.

SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. Traduzido por Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*. Tradução Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTIAGO, Silvano. *Democratização no Brasil – 1979-1981 (Cultura versus Arte)*. In: ANTELO et alii. *Declínio da Arte e Ascensão da Cultura*. Florianópolis: ABRALIC/ Letras Contemporâneas, 1998. p. 11-23.

_____. *Nas malhas da letra: ensaios*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

_____. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SARO-WIWA, K. *Sozaboy: a novel in rotten English*. Londres. Longman African Writers, 1994.

SILVA, Lilian Ramos da. O (re)contar da história em Viva o povo brasileiro. s.l.: UFRGS, s. d. Disponível em: <<http://www.msmedia.com/conexao/01/liliam.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2011.

SHAKESPEARE, William. Henrique IV (Parte I). Tradução de Carlos A. Nunes. Edição Eletrônica da Editora Ridendo Castigat Mores. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobebook/henry4.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2011.

SOUZA, Bruno Pereira Nunes de. Sozaboy, a língua inglesa de Ken Saro-Wiwa e sua tradução. 126 f. 2009. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SOUZA, Carlos de. Manuel Bandeira e Derek Walcott - o Caribe é aqui. Editora Potiguar – Weblab, 2000. Disponível em: <<http://www.weblab.unp.br/agora/segundas/artigos/artigo016.html>>. Acesso em: 15 jul. 2010.

SOUZA, Marcos C. Botelho de. Estratégias da poética pós-colonial: Derek Walcott por uma épica menor. 2002. 179 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) – Faculdade de Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana.

SOVIK, Liv. Vozes ouvidas nas —Noites do Nortell: etnicidade dominante na obra recente de Caetano Veloso. Trabalho apresentado no VIII Congresso da ABRALIC – Associação Brasileira de Literatura Comparada; Simpósio —O Intelectual Periféricoll. Belo Horizonte, 2002.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Can the subaltern speak? In: Colonial discourse and post-colonial theory: a reader. Edited and introduced by Patrick Williams and Laura Chrisman. New York: Columbia University Press, 1994. p. 66-111.

_____. In other worlds: essays in cultural politics. New York/London: Methuen, 1987.

_____. The Rani of Sirmur: an essay in reading the archives. History and theory. v. 24, n. 3, outubro de 1985. p. 247-72. Disponível em: <<http://www.jstor.org/pss/2505169>>. Acesso em: 15 dez. 2010.

STEINER, George. Linguagem e silêncio: ensaios sobre a crise da palavra. Tradução de Gilda Stuart e Felipe Rajabally. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

TAYLOR, Clyde R. The mask of art; breaking the aesthetic contract – film and literature. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1998.

TODOROV, Tzvetan. O medo dos bárbaros: para além do choque das civilizações. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

TORRES, Sonia. Desestabilizando o —discurso competentell: o discurso hegemônico e as culturas híbridas. Gragoatá. Niterói: EDUFF, n. 1, 1996. p.179-90.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Ano Internacional de Aproximação das Culturas. 2010. Disponível em: <www.unesco.org/culture/dialogue>. Acesso em: 20 dez. 2010.

VELOSO, Caetano; GIL, Gilberto. Haiti. In: VELOSO, Caetano. Noites do Norte. Universal Music – 73145483622, 2000.

VAN ERVEN, Domingos. Linguagem chula e literatura. 2009. Disponível em: <<http://dvetextos.blogspot.com/2009/03/linguagem-chula-na-divina-comedia.html>>. Acesso em: 15 mar. 2011.

VIZIOLI, Paulo. Omeros: a Epopeia das Antilhas. Prefácio à tradução brasileira de Omeros, de Derek Walcott. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

WALCOTT, Derek. Dream on monkey mountain and other plays. New York: Farrar, Strauss and Giroux, 1970.

_____. Omeros. New York, Farrar, Straus and Giroux, 1998.

_____. Omeros. Pref. e Trad. de Paulo Vizioli. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

_____. Selected Poems. New York: Farrar, Straus, Giroux, 1964.

_____. Banquet Speech. Nobelprize.org. Disponível em: <http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1992/walcott-speech.html>. Acesso em: 29 Set. 2011.

_____. The Castaway and Other Poems. London: Cape, 1965.

_____. The Gulf and Other Poems. London: Cape, 1969.

WALLERSTEIN, Immanuel. The modern world-system: capitalist agriculture and the origin of the European world-economy in the sixteenth century. New York: Academic Press, 1974.